

HUMANAS E SOCIAIS

V.9 • N.3 • 2022 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2022v9n3p495-509



ARTES VISUAIS E SÍNDROME DE DOWN NA UFPB

VISUAL ARTS AND DOWN SYNDROME IN THE UFPB

ARTES VISUALES Y SÍNDROME DE DOWN EN LA UFPB

Robson Xavier da Costa¹
Márcio Soares dos Santos²

RESUMO

Este artigo objetiva analisar as ações do Projeto Artes Visuais & Inclusão que funciona desde 2014, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por meio da equipe do Laboratório de Artes Visuais Aplicadas e Integrativas (LAVAIS) e do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (GPAMI), com estudantes voluntários e bolsistas. O Projeto tem apoio do Programa de Extensão (PROBEX/UFPB) e do Programa de Licenciatura (PROLICEN/UFPB), uma das atividades é desenvolvida com o Grupo de Trabalho da Associação Ame Down PB (organização sem fins lucrativos, formada por pais e amigos de Pessoas com Síndrome de Down na Paraíba), tais atividades consistem em duas oficinas de artes visuais mensais realizadas no Laboratório de Práticas Criativas Experimentais (LAPRACE/UFPB). O projeto está fundamentado na perspectiva do paradigma da inclusão (MANTOAN, 2003), utilizando pesquisa participante (DEMO, 1982). Desenvolvemos técnicas variadas de pintura em diversas mídias e suportes. O resultado das diversas ações do projeto resulta em exposições coletivas, realizadas no segundo semestre de cada ano.

PALAVRAS-CHAVE

Artes Visuais. Inclusão. Ame Down. UFPB.

ABSTRACT

This article aims to analyze the actions of the Visual Arts & Inclusion Project that has been working since 2014 at the Federal University of Paraíba (UFPB), through the Laboratory of Applied and Integrative Visual Arts (LAVAIS) and the Group of Research in Art, Museums and Inclusion (GPAMI), with students and volunteers. The Project is supported by the Extension Program (PROBEX UFPB) and the Degree Program (PROLICEN UFPB). One of the activities is developed with the Working Group of the Ame Down PB Association (non-profit organization formed by parents and friends of People with Down Syndrome in Paraíba), these activities consist of two monthly visual arts workshops held at the Laboratory of Experimental Creative Practices (LAPRACE - UFPB). The project is based on the perspective of the inclusion paradigm (MANTOAN, 2002), using participant research (DEMO, 1982). We develop varied painting techniques in various media and media. The result of the various actions of the project results in collective exhibitions, held in the second half of each year.

KEYWORDS

Visual Arts. Inclusion. Love Down. UFPB.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar las acciones del Proyecto de Artes Visuales e Inclusión que ha estado operando desde 2014, en la Universidad Federal de Paraíba (UFPB), a través del equipo del Laboratorio de Artes Visuales Aplicadas e Integrativas (LAVAIS) y el Grupo de Investigación en Arte, Museos e Inclusión (GPAMI), con estudiantes voluntarios y becados. El Proyecto es apoyado por el Programa de Extensión (PROBEX UFPB) y el Programa de Posgrado (PROLICEN UFPB), una de las actividades se desarrolla con el Grupo de Trabajo de la Asociación Ame Down PB (organización sin fines de lucro, formada por padres y amigos de Personas con Síndrome de Down en Paraíba), tales actividades consisten en dos talleres mensuales de artes visuales realizados en el Laboratorio de Prácticas Creativas Experimentales (LAPRACE - UFPB). El proyecto se basa en la perspectiva del paradigma de inclusión (MANTOAN, 2002), utilizando la investigación participante (DEMO, 1982). Desarrollamos variadas técnicas de pintura en diversos medios y soportes. El resultado de las diversas acciones del proyecto da como resultado exposiciones colectivas, celebradas en el segundo semestre de cada año.

PALABRAS CLAVE

Artes Visuales. Inclusión. Ame Down. UFPB.

1 SÍNDROME DE DOWN E ARTES VISUAIS

A Síndrome de Down (SD) é uma disfunção cromossômica, relacionada à presença de três cromossomos 21, também chamada de trissomia do cromossomo 21, e acontece a cada 700 nascimentos, independente de etnia, condição social e/ou religião. As pessoas com essa síndrome apresentam limitações mentais leves e/ou moderadas, fissura palpebral oblíqua, pregas epicânticas, língua hipotônica, prega palmar transversal, com problemas de saúde relacionados às doenças cardíacas, hipertensão, perda auditiva condutiva, tendência ao sobrepeso e limitações da visão, entre outros. Esses problemas podem interferir na aprendizagem cognitiva e emocional.

As oficinas de artes visuais podem favorecer a socialização de jovens com SD, as atividades desenvolvidas por serem dinâmicas, trabalhando com jogos, aulas de campo e produção expressiva, podem ampliar o acesso dessas pessoas à cultura e à arte favorecendo o desbloqueio do potencial criativo e o pensamento divergente.

As práticas inclusivas têm como princípios: a aceitação das diferenças individuais, a valorização dos potenciais de cada sujeito, o estímulo a convivências sociais, o respeito pela diversidade humana, à aprendizagem cooperativa. No processo de inclusão das pessoas com SD o papel das famílias é imprescindível para que essas pessoas sejam incluídas e estimuladas precocemente, favorecendo o desenvolvimento do potencial cognitivo, emocional e social (SASSAKI, 1997).

As atividades lúdicas fazem parte essencial do desenvolvimento humano, Gardner (1994), afirmou que o desenvolvimento humano está relacionado aos tipos de inteligências que cada sujeito desenvolve ao longo da vida. As artes visuais podem estimular a imaginação e os processos criativos das pessoas com SD, favorecendo a socialização, as amizades, as relações parentais e os processos de aprendizagens. As oficinas de artes visuais permitem que questões do cotidiano sejam trabalhadas, ajudando na resolução de conflitos a partir da criação individual e/ou coletiva de imagens e da expressão corporal, visual e/ou oral.

Em todo o mundo pessoas com SD tem se dedicado a produção artística, a música, as artes cênicas (teatro e dança) e as artes visuais, uma das artistas com SD mais conhecidas foi Judith Scott (1 de maio de 1943 – 15 de março de 2005), artista norte americana, que se dedicou a produção de esculturas utilizando fios e fibras variadas.

Judith Scott prepara seus prêmios. Surda-muda, teve seu desenvolvimento precarizado pelo diagnóstico tardio, e a Síndrome de Down foi enfrentada como inviável para o convívio familiar. A solução adotada foi o asilo. Judith fazia esculturas em tramas entornadas, meio que encontrou para se expressar silenciosamente. Livre dos princípios tradicionais de tecelagem, bordado ou costura, sua técnica é única: produz redes complexas em que fios de tons sutis se sobrepõem e se misturam de maneira refinada. As obras – mais de duzentos *coccon-like* esculturas – são finalizadas sob resoluta determinação. Começam pequenas, vão ganhando volumetria de grandes proporções, chegando a atingir aproximadamente 2,7m. No núcleo de cada uma, por baixo dos fios, Judith Scott esconde talismãs especiais, cujo significado só a ela pertence. O casulo é invólucro, ventre. E como

é próprio dos casulos, aguardam na esperança de que esse gestar se torne, talvez, um metamorfosear. (OLIVEIRA, 2015, p. 123-124).

No Brasil um dos artistas com SD mais conhecidos é Lúcio Piatino (Brasília, 1995 – atualmente com 24 anos de idade), um jovem artista, que começou seu trabalho como pintor aos 13 anos, em Brasília, com apoio da sua mãe, que ao tirá-lo da escola regular, utilizou a pintura como sua principal fonte de ocupação, após ter feito mais de 10 exposições individuais, expos em 2014, 10 telas, na *Galleria Nazionale Dell’Umbria*, na Itália, seu nome ficou conhecido a partir da campanha que sua mãe e familiares fizeram na internet para arrecadar fundos para a viagem. Seus trabalhos abstratos com tamanhos variados são espontâneos e originais. O artista também foi homenageado no Telão do Domingão do Faustão em 2014, programa da Rede Globo de televisão³.

Outro artista brasileiro com SD foi Togu Bertrami, natural de Tatuí, interior do Estado de São Paulo, falecido em 2015, também foi um pintor abstrato conhecido em todo o país⁴.

Possibilitar atividades regulares que estimulem o processo criativo dos jovens com SD é essencial para manter e ampliar suas relações sociais, considerando as pessoas com SD ainda enfrentam muitas barreiras para sua inclusão nas escolas regulares, que estão excessivamente focadas na aprendizagem cognitiva, desconsiderando as demais formas de inteligências. Muitos jovens com SD terminam saindo do Ensino Fundamental e Médio e não continuam sua formação acadêmica no nível superior, trazer esses jovens para desenvolver atividades regulares de artes visuais em uma universidade federal é desmistificar o fantasma do ensino superior, para que os mesmos entendam que a universidade está aberta para compartilhar os saberes, possibilitando a inter-relação entre esses jovens por meio do Ensino das Artes Visuais.

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o “Projeto de Extensão Artes Visuais & Inclusão”, tem sido desenvolvido pelo AUTOR e a equipe do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (AMI) e do Laboratório de Artes Visuais Aplicadas e Integrativas (LAVAIS desde 2014, no ano de 2015, integramos ao projeto o Grupo de Trabalho (GT) Ame Down - PB). O projeto está vinculado ao Programa de Extensão (PROBEX) e ao Programa de Licenciatura (PROLICEN) da UFPB e objetiva a implantação e desenvolvimento de oficinas de artes visuais para pessoas com deficiências e/ou idosos.

A Associação Ame Down Paraíba é uma instituição sem fins lucrativos, que agrega pessoas com SD, familiares, amigos e profissionais, promovendo a integração e a inclusão social, buscando visibilidade, por meio de atividades que possibilitem minimizar preconceitos e potencializar habilidades das pessoas com SD. Em 2019 tivemos 12 jovens participando ativamente do GT Ame Down, foram realizadas duas oficinas por mês, com duração de três horas, com a participação de três bolsistas estudantes do curso de artes visuais da UFPB, alguns participantes voluntários e a participação ativa de mães e pais.

No projeto trabalhamos com a socialização dos jovens com SD utilizando dinâmicas e projetos criativos coletivos, buscando construir novas perspectivas de relacionamento e socialização e desbloquear o potencial criativo dessas pessoas, fomentando a autonomia criativa.

3 Lúcio Piatino, seu trabalho pode ser visto no site: <http://gshow.globo.com/programas/domingao-do-faustao/Telao-do-Domingao/fotos/2014/03/fotos-conheca-a-obra-do-artista-lucio-piantino.html#F69406>

4 Togu Bertrami, seu trabalho pode ser visto no site: <http://togu.zip.net/>.

Neste artigo analisamos como o ensino de artes visuais pode contribuir para o desenvolvimento dos jovens com SD a partir do estudo de caso do GT Ame Down PB?

2 PROJETO ARTES VISUAIS & INCLUSÃO E O GT AME DOWN NA UFPB

Implantamos em 2015 na UFPB a ação de extensão com o GT da Associação Ame Down PB, um grupo inicial de 10 jovens/adultos com Síndrome de Down, com idades variadas entre 15 a 35 anos, homens e mulheres, e os(as) pais/mães com idade média variando entre 45 e 65 anos, vinculados à Associação Ame Down Paraíba, uma instituição filantrópica sem fins lucrativos. Em 2019, com três anos e nove meses de funcionamento ininterrupto, o grupo de jovens tem um total de 12 participantes assíduos.

Esta pesquisa faz parte de um projeto permanente com apoio do PROBEX e PROLICEN da UFPB e segue as seguintes etapas de trabalho:

Dois encontros mensais do grupo focal, aos sábados, no turno da manhã, com a participação de 11 jovens e seus (as) pais/mães, objetivando a realização de oficinas de artes visuais, para estimular o potencial criativo e a socialização dos participantes.

Observação participante de todas as etapas das atividades, com registro fotográfico e escrito dos comentários e conversas informais dos participantes.

Análise dos dados utilizando pesquisa qualitativa (RICHARDSON, 1999).

Desenvolvimento de um elo de confiança entre os bolsistas, voluntários, os participantes e as mães/pais, favorecendo a produção criativa e coletiva do grupo.

Respeito às diferenças e à valorização das habilidades dos participantes favorecendo o desenvolvimento criativo, a socialização e a autonomia.

Em agosto de 2015 iniciamos as atividades do GT, a partir de reuniões com a direção da Ame Down PB, para definições dos encaminhamentos da pesquisa. As atividades de campo foram iniciadas em setembro do mesmo ano, com dois encontros mensais, com o apoio das mães/pais, os bolsistas e/ou voluntários e os jovens/adultos com SD. Iniciamos as oficinas desenvolvendo atividades de pintura com tempera vinílica (PVA) e pigmentos sobre papel.

As oficinas foram desenvolvidas no **Laboratório de Práticas Criativas Experimentais (LAPRACE)**, do Departamento de Artes Visuais (DAV), da UFPB, aos sábados, com duração de três horas. Os materiais utilizados foram providenciados pelas mães/pais dos participantes.

No ano de 2016 desenvolvemos trabalhos com técnicas variadas de pinturas com tempera vinílica e no segundo semestre com tintas acrílicas, sobre suportes variados, como papéis, papelão, cartão, tecidos, etc. Os temas dos trabalhos variaram de acordo com a demanda do grupo, a tendência em fazer abstrações foi identificada desde o início do processo, inicialmente a maioria dos participantes não tinha nenhuma autonomia no processo, necessitando da intervenção direta dos membros da equipe.

Também havia muita dispersão durante as oficinas, alguns participantes não conseguiam se concentrar nos trabalhos e terminavam por atrapalhar os colegas, ao ficarem andando na sala e interferindo nos trabalhos dos outros. Esse foi um período de muitos ajustes no processo, fizemos algumas

reuniões com as mães/pais para solicitar sua ajuda, bem como várias reuniões de planejamento com a equipe técnica do projeto.

Levou tempo para que os participantes e as mães/pais entendessem o real objetivo do trabalho desenvolvido, inicialmente algumas pessoas achavam que os participantes iriam fazer artesanato em série, cada pessoa ficando responsável por uma etapa do trabalho; outros queriam que os filhos fizessem pinturas figurativas copiando gêneros da história da arte (naturezas mortas, paisagens, etc.) ou fazendo releituras de obras dos grandes mestres da pintura, como era comum verem na internet e serviriam para decorar a sala.

Ao final do primeiro ano de funcionamento (agosto 2015 a agosto 2016) as mães/pais passaram acreditar no trabalho e incentivar as ações desenvolvidas no projeto, os trabalhos foram organizados e preparados pela equipe técnica para serem expostos.

No final de 2016 solicitamos materiais para as mães/pais para trabalhar em 2017, tintas látex, corantes, pincéis, tintas acrílicas, rolos para pintura, papel em rolo, etc. Fizemos uma série de experimentos com técnicas de pintura sobre suportes variados, a maioria dos trabalhos foi individual, considerando que alguns participantes ainda tinham dificuldade de comunicação e interação com os colegas, produzimos muitos trabalhos sobre papel.

A partir do segundo semestre de 2016 percebemos mudanças significativas no interesse dos participantes, na regularidade nas atividades, no empenho em executá-las e na busca de autonomia na produção. Resolvemos introduzir trabalhos coletivos, inicialmente sobre papéis e posteriormente sobre tecidos, resultando em uma série de trabalhos com tintas escorridas onde os participantes se envolveram de corpo inteiro, participando ativamente e ajudando os colegas na execução. Os trabalhos foram catalogados e organizados pela equipe para participar da exposição anual.

Ao final de 2017 solicitamos materiais para trabalhar com pintura acrílica sobre telas em 2018. O material foi adquirido pelas mães/pais e iniciamos 2018 com oficinas de confecção das telas, os participantes com apoio da equipe e das mães/pais, cortaram a lona, prepararam a base com tinta látex branca e cola branca, intercalando várias camadas e secagem, depois iniciaram as pinturas das telas.

Cada participante trabalhou com quatro telas de tamanhos variados, utilizando técnicas diferentes, com tintas acrílicas, com sobreposição de colagens com materiais naturais, uso de jatos de tinta, moldes etc. Cada participante foi estimulado a ter autonomia no trabalho, alguns conseguiram realizar os trabalhos praticamente sozinhos, escolhendo cores e formas pra trabalhar, outros necessitaram de maior atenção e apoio durante todo o ano.

As telas foram iniciadas em uma oficina e finalizadas na seguinte, alguns trabalhos levaram mais tempo para serem executados, chegando a ocupar quatro encontros. Após a finalização das 48 telas, elas foram levadas para um técnico especializado que executou o chassi e a fixação das mesmas nos bastidores de madeira, finalizadas as telas foram catalogadas e acondicionadas para serem encaminhadas para exposição.

Em 2019 surgiu a proposta de trabalharmos com a produção de murais coletivos, as oficinas realizadas até o mês de maio, resultaram na produção de um Artdoor, em homenagem ao mês da SD, que foi afixado no campus I da UFPB com a participação ativa do grupo. Ao longo do ano pretendemos trabalhar

em parceria com escolas públicas municipais e estaduais para que sejam realizados murais com temáticas variadas em parceria entre o GT Ame Down e os alunos dessas escolas (FIGURAS 1 e 2).

Figura 1 – Produção do Artdoor. Campus I da UFPB. João Pessoa – PB



Fonte: Acervo do AMI/UFPB (junho 2019).

Figura 2 – Artdoor – Ser diferente é normal – Ame Down. Campus I da UFPB. João Pessoa – PB.



Fonte: Acervo do AMI/UFPB (junho 2019).

As exposições coletivas organizadas pela equipe técnica do Projeto Artes Visuais & Inclusão da UFPB no final do segundo semestre de cada ano, demonstram que divulgar os trabalhos desenvolvidos nas oficinas do projeto na cidade de João Pessoa, além dos muros da universidade, é fundamental para dar visibilidade do projeto na comunidade e para a manutenção da continuidade das ações desenvolvidas.

3 EXPO ARTE EFICIENTE

A “1ª Expo Arte Eficiente⁵” surgiu a partir do final do primeiro ano de funcionamento do GT Ame Down no Projeto Artes Visuais & Inclusão da UFPB, como uma mostra da produção 2015/2016 dos trabalhos feitos sobre papéis, com tintas variadas, resolvemos organizar uma exposição coletiva em setembro de 2016, na Pinacoteca da UFPB.

A exposição contou com 15 trabalhos de pintura sobre papel do GT Ame Down, dois trabalhos com acrílica sobre papel do GT da Fundação Centro de Apoio ao Portador de Deficiência (GT FUNAD) e um trabalho coletivo sobre tecido do GT Vila Vicentina Júlia Freire (GT VVJF), contabilizando ao todo 17 trabalhos em tamanhos variados. Durante a abertura da exposição contamos com palestra sobre o Manto da Apresentação do Bispo do Rosário (10 de Maio de 1909 a 05 de Julho de 1989), proferida pela Ma. Larissa Uchôa, com a apresentação de membros da Orquestra de Violão do Departamento de Música da UFPB e com depoimentos dos participantes (FIGURAS 3 e 4).

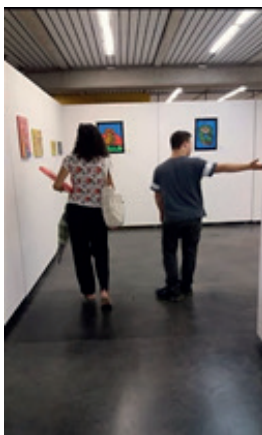
Figura 3 – Cartaz da 1ª Expo Arte Eficiente



Fonte: Acervo do AMI/UFPB. Foto: Bhadra (2016).

5 1ª Arte Eficiente – catálogo: AUTOR.

Figura 4 – Mediação durante a 1ª Arte Eficiente na Pinacoteca da UFPB



Fonte: Acervo do AMI/UFPB. Foto: Bhadra (2016).

Tivemos cerca de 500 visitantes durante todo o mês da exposição que foi realizada no Térreo da Biblioteca Central da UFPB, nesse período o monitor da exposição foi Aaron Pacote, participante do projeto e um jovem com SD, que foi bolsista do projeto profissionalizar do CCS UFPB.

Em novembro de 2017, realizamos a “2ª Expo Arte Eficiente⁶” com trabalhos selecionados entre a produção realizada durante o ano. Trabalhos em tamanhos variados, com suporte e técnicas diversas, foram expostos no Centro Cultural Ariano Suassuna, no Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE PB). A exposição contou com 56 trabalhos do GT Ame Down entre telas e trabalhos sobre papel, com 12 colagens feitas pelas crianças com deficiências visuais (DV) do GT ICPAC e 09 desenhos sobre papel feitos pelas idosas do GT VVJF.

Durante esta exposição às mães/pais se empenharam bastante e fizeram a impressão de camisetas e canecas com imagens dos trabalhos produzidos pelos filhos e expostos, esse material foi comercializado durante a exposição e também posteriormente no período das festas natalinas, a renda foi direcionada para a compra de materiais para o projeto no ano seguinte (FIGURAS 5 e 6).

⁶ 2ª Arte Eficiente – catálogo: AUTOR.

Figura 5 – Cartaz da 2ª Expo Arte Eficiente – CCAS - TCE – 2017



Fonte: Acervo do AMI/UFPB (2017).

Figura 6 – 2ª Expo Arte Eficiente – canecas e camisetas - 2017



Fonte: Acervo do AMI/UFPB (2017).

Entre novembro de 2018 e janeiro de 2019, realizamos a “3ª Expo Arte Eficiente”⁷, na Galeria Ceileiro Espaço Criativo, uma galeria pública municipal, localizada no bairro do Altiplano/Cabo Branco. Esta exposição consistiu na seleção de pinturas acrílicas sobre tela, produzidos ao longo do ano, entre as 48 telas, produzidas durante o projeto, selecionamos 31 telas para a exposição, e uma ins-

⁷ 3ª Expo Arte Eficiente – Catálogo: AUTOR.

talação com peças em argila pintada, produzidas pelas crianças do ICPAC; contamos também com a participação de dois trabalhos do artista natural de São Paulo, Rodrigo Saggin, um adulto com déficit motor, que temos apoiado e acompanhado como atividade do projeto Artes Visuais & Inclusão.

Durante esta exposição às mães/pais conseguiram o apoio da Gráfica JB para a impressão de *prints* e cartões com imagens dos trabalhos produzidos pelos participantes do GT e comercializaram durante a exposição e posteriormente. A exposição conseguiu uma grande repercussão na imprensa local, tendo sido divulgada em jornais impressos e na principal emissora de TV, com entrevista ao vivo durante a abertura (FIGURAS 7 e 8).

Figura 5 – Cartaz da 3ª Expo Arte Eficiente – Celeiro Espaço Criativo, João Pessoa PB – 2018



Fonte: Acervo do AMI/UFPB (2018).

Figura 6 – Abertura da 3ª Expo Arte Eficiente - sem identificação – Celeiro Espaço Criativo, João Pessoa PB – 2018



Fonte: Acervo do AMI/UFPB (2018).

A realização de três versões da Expo Arte Eficiente consolidou a produção do projeto na cidade de João Pessoa, dando visibilidade e alcance ao trabalho realizado, possibilitando que os participantes do projeto tivessem seus trabalhos divulgados, que conseguíssemos recursos para a continuidade das oficinas e a inserção da produção na economia criativa a partir do mercado local.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com oficinas de artes visuais com pessoas com SD faz parte das abordagens educativas inclusivas, presentes nas políticas públicas brasileiras de inclusão e no Estatuto da Pessoa com Deficiência, aprovado em 2015. Atividades de educação não formal, como desenvolvemos no Projeto Artes Visuais & Inclusão na UFPB, fazem parte do nosso esforço para aproximar pessoas com SD, das suas famílias, promovendo sua socialização, valorizando suas habilidades artísticas, estimulando o potencial criativo, a imaginação e sua inserção na economia criativa.

Realizamos uma ação de extensão com seres humanos (THIOLLENT, 1986), compreendendo ação, reflexão, ação sobre determinada prática. Os dados foram coletados por meio de observação participante, diários de campo e grupo focal, anotamos os acontecimentos marcantes ocorridos durante as atividades e acompanhamos os processos comportamentais ocorridos com o grupo focal.

A Arte proporcionou para toda equipe e mães/pais de jovens/adultos com SD o estímulo das habilidades dos seus filhos, valorizando os potenciais e permitindo que os mesmos consigam espaço para desenvolver sua expressão própria. Ao ter contato com públicos específicos, como jovens/adultos com SD, os estudantes do curso de artes visuais da UFPB, colocaram em prática teorias aprendidas na academia e experimentaram técnicas e procedimentos pedagógicos para educação inclusiva.

A observação participante realizada no LAPLACE da UFPB, durante as oficinas de Artes Visuais para o GT Ame Down PB, demonstraram o potencial desse projeto de extensão, aproximando a UFPB da comunidade e abrindo espaço para o desenvolvimento do potencial criativo dos participantes. Por meio da observação participante identificamos problemas ocorridos durante as oficinas, bem como, as práticas utilizadas que se mostraram eficientes. Durante as reuniões de planejamento e avaliação do projeto, buscamos pensar em alternativas que minimizassem os problemas e potencializassem os interesses e necessidades do público-alvo da pesquisa.

Desenvolver o potencial criativo e a autonomia dos participantes ainda é um desafio para a equipe técnica do projeto, temos aprendido com a continuidade das atividades e com o contato com os jovens/adultos e as mães/pais, bem como, aprofundado leituras sobre a educação da pessoa com SD.

Neste projeto a Arte não foi abordada como uma atividade de entretenimento, ela foi trabalhada como educação não formal de jovens ou adultos com SD. As Artes Visuais possibilitaram vivências e experiências singulares para o grupo, os participantes aprenderam fazendo e discutindo com os facilitadores; as mães/pais também aprenderam como lidar com seus filhos e estimulá-los a continuar produzindo em casa.

Os processos de aprendizagem acontecem ao longo de toda a vida dos seres humanos, estímulos contínuos e focados em suas habilidades favorecem os processos de aprendizagem para as pessoas

com SD, bem como, podem estimular a formação de sinapses e o estabelecimento de conexões e a circulação de informações no cérebro.

A visão da sociedade com relação às capacidades desses indivíduos também tem sido modificada lentamente. Hoje, encontramos melhor aceitação da sociedade perante as pessoas com deficiência, o que se deve ao aumento de informação, a mudança das leis e, principalmente, a oportunidade que nossos filhos com deficiência tem tido para mostrar seu potencial. Antigamente, o indivíduo com síndrome de Down era tratado como um deficiente mental profundo, sem produtividade e incapaz (SANTANA DALLA DÉA; BALDIN, 2009, p. 104).

Acreditamos que o Ensino de Artes Visuais para pessoas com SD pode contribuir para a socialização e melhoria da autoestima dos participantes do projeto, ao longo dos anos os jovens/adultos com SD participantes desenvolveram mais autonomia na sua produção expressiva, as mães/pais têm entendido que os filhos/filhas necessitam de espaço para criar e se expressarem livremente, dessa maneira é preciso,

Desenvolver uma cultura, entre pais, empresários e instituições regulares ou especiais, que acredite nas potencialidades individuais e nas características que envolvem o processo de preparação para o trabalho, a valorização do deficiente mental enquanto cidadão, a atribuição de poderes para realizar escolhas e tomar decisões (ROSSIT, 1997, p. 109).

Concordamos com a afirmação de Rossit (1997) por acreditamos que as Oficinas de Artes Visuais contribuem para o desenvolvimento global e a educação integral dos jovens e adultos com SD, estimulando os processos criativos, a formação cultural, a socialização e inserindo-os no contexto da economia criativa.

REFERÊNCIAS

DALLÁ DEA, Vanessa Helena Santana e DUARTE, Edilson (Org.). **Síndrome de Down**: informações, caminhos e histórias de amor. São Paulo: Phorte Editora, 2009.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante**: mito ou realidade. Brasília. UNB - INEP, 1982.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, Solange de. Casulos: sobre os segredos de Judith Scott. **Revista IDE**. São Paulo: P@PSIC, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01013106201500200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 maio 2019.

ROSSIT, R.A.S. Análise do desenvolvimento de bebês com Síndrome de Down em função da capacitação da mãe: uma proposta de intervenção. 1997. **Dissertação (Mestrado em Educação Especial)** – Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo.

DALLA DÈA, Vanessa Helena Santana; DUARTE, Edison (organizadores). **Síndrome de Down: informações, caminhos e histórias de amor.** São Paulo: Phorte, 2009.

SASSAKI, Romeu Kazuma. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1986.

Recebido em: 14 de Junho de 2022

Avaliado em: 8 de Julho de 2022

Aceito em: 1 de Novembro de 2022



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2022 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

1 Doutor em Arquitetura e urbanismo – PPGAU/UFRN; Pós-doutor em Estética e História da Arte – MAC/ USP; Mestre em História – PPGH/UFPB; Especialista em Educação Especial – UFPB; Licenciado em Educação Artística - Artes Plásticas – UFPB; Artista Visual, Curador e Professor/Pesquisador; Professor/Pesquisador do Departamento de Artes Visuais – UFPB e dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV/UFPB/UFPE e PPGCCA/UFPB. E-mail: robsonxavierufpb@gmail.com

2 Mestre em Filosofia – UFPE e Linguística – UFPE; Licenciado em Letras – UFPE; Bacharel em Ciências Atuariais – UFPB; Professor/pesquisador e Atuário; Consultor autônomo na educação de pessoas com deficiências e na área de risco. E-mail: professormarcio28@gmail.com